

# Jornalismo, ética e liberdade

FRANCISCO JOSÉ CASTILHOS KARAM



*JORNALISMO, ÉTICA E LIBERDADE*

Copyright © 1997, 2014 by Francisco José Castilhos Karam  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Salete Del Guerra**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

### **Summus Editorial**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7<sup>o</sup> andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

## Prefácio à 4ª Edição

O PROCESSO DE REALIZAÇÃO de um trabalho tem muitas estações. As escolhas são, às vezes, difíceis. A partir de 1989, quando ingressei na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, o estudo ao redor do tema *ética jornalística* foi recheado de dúvidas e mudanças – muitas das quais permanecem até hoje. Esta quarta edição revisada, além dos agradecimentos feitos nas edições anteriores, inclui estudos feitos durante meu pós-doutoramento na Argentina, com a supervisão do professor Martín Becerra, que desde o primeiro momento, na Universidade Nacional de Quilmes, colocou-se à disposição para discutir e acrescentar conteúdo ao projeto. Este livro amplia as três primeiras edições de *Jornalismo, ética e liberdade*, especialmente em relação à inserção do jornalismo no cenário da chamada Sociedade da Informação e do Conhecimento, da revisão temática de alguns princípios deontológicos profissionais, do jornalismo no ciberespaço e dos traços distintivos da atividade jornalística neste início do século XXI. Alguns poucos trechos foram excluídos porque, passados 17 anos da primeira edição do livro, houve necessidade de inclusão de dados atualizados. Mesmo assim, grande parte das referências históricas e de exemplos foi mantida, uma vez que servem como suporte e paradigma para análise e apoio tanto à nova edição quanto a novos estudos, abordagens e críticas. Várias referências bibliográficas foram revistas, acrescentando-se novos autores e estudos. Ao mesmo tempo, algumas, mais relevantes para as edições anteriores, foram reduzidas e/ou suprimidas.

Entre todos os agradecimentos anteriores, a cujas pessoas continuo rendendo meu tributo pela ajuda que prestaram, destaca-se o nome da professora Cremilda Medina, pesquisadora inaugural nos meus estudos pós-graduados no mestrado, ainda no final dos anos 1980, que sedimentaram o caminho para seguir, no doutoramento, com os professores Norval Baitello Junior e Lorenzo Gomis, já nas proximidades do ano 2000. Um pouco deste caminho está ampliado nesta quarta edição, revisada em alguns aspectos e acrescida em outros – sobretudo a partir do pós-doutoramento, em 2007 e 2008, já portanto no final da primeira década do século XXI –, tentando acompanhar a relação do jornalismo com a ética e com a liberdade num cenário que tem duas décadas a mais e, claro, sofreu impactos significativos na atividade profissional.

Agradeço a todos os que, de uma ou de outra maneira, animaram este trabalho, contribuindo com dúvidas, discussões, discordâncias e sugestões. Finalmente, agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina e à Capes, que permitiram a formação e a concessão de bolsa de estudos para o desenvolvimento deste trabalho.

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 LINGUAGEM HUMANA, MEDIAÇÃO JORNALÍSTICA E DIREITO À INFORMAÇÃO</b> .....	15
Palavra, direito social à informação e universalidade .....	18
Breve história de um tormento .....	20
Norma jurídica e moral, mediação do Estado e mediação informativa .....	28
<b>2 ÉTICA, MORAL E DEONTOLOGIA: BREVES COMENTÁRIOS</b> .....	33
<b>3 PARA UMA DEFESA MORAL DO JORNALISMO E DE SUA ESPECIFICIDADE ÉTICA</b> .....	39
A insustentável certeza de Janet Malcolm .....	39
Cláudio Abramo e a generalidade moral .....	44
A dúvida ética e as incertezas morais do jornalismo .....	53
Importância e necessidade do jornalismo contemporâneo .....	59
Subjetividade ética e códigos morais .....	61
História e limites dos códigos deontológicos .....	66
Ética, movimento dos sujeitos e democracia dos meios .....	74
A comparação entre os códigos e as referências normativas da moral .....	81
<b>4 TEMAS ÉTICOS NO JORNALISMO: UM PROBLEMA QUE NUNCA TERMINA</b> .....	85
Direito à vida privada, liberdade de informação jornalística e interesse público .....	85
Cazuza, morte, ética e jornalismo .....	93

Defesa dos valores universais do “humanismo”	
<i>versus</i> defesa dos valores particulares culturais . . . . .	111
Cláusula de consciência . . . . .	121
Métodos lícitos <i>versus</i> métodos ilícitos na obtenção da informação . . . . .	130
Verdade, objetividade, exatidão . . . . .	140
As possibilidades temáticas: alguns exemplos complementares. . . . .	150
<b>5 UM FUTURO ABERTO: SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO, CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA, DIVERSIDADE MIDIÁTICA E CIBERJORNALISMO. . . . .</b>	<b>155</b>
O jornalismo: fundamentos, teoria e ética . . . . .	164
O jornalismo: ritmo contemporâneo e segmentação informativa . . . . .	181
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . .</b>	<b>189</b>
<b>EPÍLOGO . . . . .</b>	<b>195</b>
Os métodos jornalísticos, a ética, a intimidação e o autoritarismo. . . . .	198
Redes sociais: ética, reportagem e verificação. . . . .	201
<b>NOTAS . . . . .</b>	<b>205</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA . . . . .</b>	<b>217</b>

# Introdução

O SENTIDO DE UM trabalho nunca é resultado do nada se inscrevendo no indivíduo. O sentido de um trabalho está relacionado com as preocupações que surgem para responder a algumas perguntas básicas: para que ele serve, tem algum sentido?

A inscrição de um trabalho relacionado com a ética jornalística contém, ao menos, algumas preocupações implícitas. A primeira reconhece que, ao lidar com um campo da moral vinculada a uma atividade profissional e a uma área de conhecimento, as coisas podem não ir bem (o que já significa algum juízo de valor) e aponta para possibilidades que, manifestadas por quem escreve, podem ajudar a suplantar alguns “problemas” detectados no âmbito do comportamento profissional. A segunda vincula-se à inserção de uma atividade no processo social em que é produzida, donde se deduz que devem ser esclarecidas algumas questões, tais como sua importância contemporânea e sua relação com a humanidade que a produziu. Nesse aspecto, podemos dizer que, ao situarmos um trabalho como este, é preciso também inscrevê-lo socialmente. Para isso, é indispensável envolvê-lo com a dimensão conceitual, em que existem certos pressupostos.

Diante da crise paradigmática contemporânea, acreditamos ser possível recorrer a autores com diferenciadas fontes e métodos de conhecimento, embora, em muitos momentos, eles tenham convergências de proposição e conteúdo similar do ponto de vista epistemológico. Mesmo que suas obras contenham

divergências entre si e os momentos sejam distintos nas abordagens durante a vida de cada um, esses autores têm algo em comum: observações sobre o papel ativo do conhecimento, a totalidade social, a universalidade e o processo infinito de produção e autoprodução da humanidade.

A produção de fatos e de conhecimento, hoje, acompanha um ritmo social e tecnológico voraz. A quantidade disponível de informações e a produção sucessiva de fatos, em distintas regiões, em remotos lugares e em diferentes espaços de saber e poder permitiriam, cotidianamente, confeccionar milhares ou mesmo milhões de jornais, noticiários de televisão e rádio, reportagens em revistas, veículos especializados e/ou segmentados, tal como acena o ciberjornalismo pela Rede Mundial de Computadores.

O conhecimento, o relato e a interpretação presentes no *jornalismo* são distintos, a nosso ver, dos existentes em outros campos do conhecimento. Parece importante – e ao longo do trabalho tentaremos demonstrar isso – o conhecimento proporcionado pelo *jornalismo*, que exige o emprego de particularidades técnicas, ética universal, mas específica, e reflexão sistemática. Nesse aspecto, nos deteremos a examinar mais o campo da ética profissional, tentando mostrar a necessidade da existência de uma especificidade profissional conectada à universalidade humana. Esta ética deve alicerçar-se em uma *teoria do jornalismo* como forma de conhecimento das particularidades humanas em processo de universalização do conhecimento, a forma mais democrática, supomos, de permitir que a liberdade de escolha seja, efetivamente, mais livre e mais imediata. Para isso, entendemos que só um processo dialético que constitua um movimento ético dos profissionais, aliado ao reconhecimento da importância social do jornalismo pela sociedade, pode criar as condições para a realização técnica, política, moral e ética da profissão.

Ao examinar os códigos, consideramos que devam ser conhecidos pela categoria dos jornalistas e pela sociedade, mas procuramos, também, revelar os limites da norma moral escrita, tanto



na margem de subjetividade que permite a interpretação particular dos princípios quanto pela dificuldade de cumprimento de alguns deles, já que o complexo processo informativo não depende apenas dos jornalistas. Por isso, defendemos a vinculação da realização ética da profissão com medidas efetivas para a democracia informativa nos meios de comunicação, incluindo políticas que favoreçam a segmentação do mercado, a diversificação da propriedade e o acesso plural aos meios. Acreditamos que, assim, será possível caminhar para que tenhamos, cada vez mais, profissionais inteiros, tecnicamente competentes, politicamente conscientes e eticamente comprometidos com a realização da universalidade humana que medeiam todos os dias.

# 1 Linguagem humana, mediação jornalística e direito à informação

MUITOS AUTORES JÁ ABORDARAM o surgimento da linguagem humana e sua complexa rede de significados em abrangência, diversidade e profundidade, tarefa na qual se destacaram renomados linguistas e semioticistas. É possível dizer que a linguagem oral e sua representação escrita são conquistas da humanidade desde que ela se afasta da pura animalidade e caminha em direção à sua construção como gênero, simultaneamente singular, particular e universal. A representação conceitual do concreto, sempre um processo aberto, permite a dissolvência da petrificação *significativa* das coisas, qualificando, ao mesmo tempo, as relações humanas em sua dimensão de socialidade<sup>1</sup>.

Ao criar relações sociais e se objetivar na existência por meio do trabalho, o ser humano passa a diferenciar-se ontologicamente dos demais seres que integram a natureza, fazendo emergir sua subjetividade que, ao mesmo tempo, torna-o capaz de negar tanto sua objetivação determinista ou “espontânea” quanto a si mesmo. Ao construir sua história pela práxis cotidiana, engendra um gênero – o humano – que não é igual ao de dois milhões de anos atrás, de cem ou dez anos ou mesmo de alguns minutos. O conjunto de conceitos que representam as relações produzidas humanamente permite a abstração do mundo concreto, pela qual o homem volta a objetivar-se e a movimentar-se no cotidiano, que não possui um percurso *a priori* a ser percorrido, mas, conforme autores como Karel Kosik, *possibilidades* de destino e valores criados por si mesmo no desenvolvimento de sua práxis<sup>2</sup>.

As próprias representações conceituais têm como referência o conhecimento produzido, acumulado e registrado historicamente. Tanto o momento *laborativo* quanto o *existencial*, para tomarmos as expressões de Kosik, são constituídos com a inclusão do movimento dos conceitos produzidos ao longo da trajetória humana. À medida que formou rede de relações, em crescente complexidade de acordo com sua igualmente crescente intervenção no mundo natural, o homem passou da admiração contemplativa e ingênua à negação dos limites de sua existência e do mundo constituído. Essa negatividade, que não se reduziu ao conformismo, levou-o a buscar uma nova afirmação para eliminar o acaso, mediar as relações e produzir o futuro também por meio do símbolo humano (Bornheim, 1986).

Ao retirar sua sobrevivência da natureza, construir pela práxis as condições de produção e reprodução de sua existência e complexificá-la no decurso da história (do uso das cavernas como abrigo até os sofisticados prédios de hoje; do gesto instintivo na afetividade amorosa e sexual aos complexos sentimentos de perda, de tempo finito, de transitoriedade física; da noção de espaço e tempo limitada ao imediato à possibilidade de sua formação como gênero universal, cujos símbolos permanecem para além de sua transitoriedade física individual), a ontologia humana realiza uma comunicação diferente da dos animais. Esta comunicação, que medeia o concreto do mundo pelo símbolo, tece a rede de significados e de relações pela palavra, a essência da mediação conceitual do mundo em movimento, *interiorizada* na consciência, *expressa* pela ideologia e *refletida* na ação concreta.

Para Bakhtin (1988, p. 32 e 37-38), por exemplo, “ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o universo dos signos”, em que o discurso interior está sempre presente, mesmo nos signos não verbais, e *torna-se parte da consciência verbalmente constituída*.

Bakhtin ressalva, contudo, que nenhum signo ideológico pode ser totalmente substituível por palavras. Isso seria, segundo o autor,